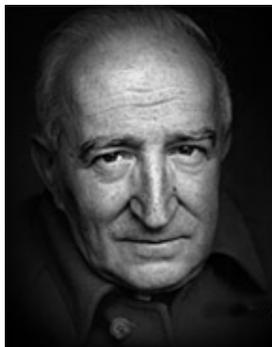


DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



LOURENÇO [de Faria], Eduardo (S. Pedro do Rio Seco, Almeida, 1923 –)

Eduardo Lourenço fez estudos secundários no Colégio Militar na peugada de seu pai, que era Capitão da Infantaria. Licenciou-se em Histórico-Filosóficas na Universidade de Coimbra, tendo ali ficado cinco anos como Assistente de Joaquim de Carvalho. Foi Leitor de Cultura Portuguesa nas universidades de Hamburgo, Heidelberg e Montpellier, a que se seguiu um ano de leccionação na Universidade Federal da Bahia. Viveu em França (Vence) a partir de 1965, tendo leccionado primeiro na Universidade de Grenoble e depois na de Nice, como *maître de conférences*. Depois da aposentação foi Conselheiro Cultural na Embaixada de Portugal em Roma e Administrador (não executivo) na Fundação Gulbenkian. Desde 2013 reside em Lisboa. Entre os muitos prémios recebidos estão o Prémio Camões, o Prémio Pessoa e o Prix Européen de l'Essai Charles Veillon. Entre os vários doutoramentos Honoris Causa contam-se os das universidades de Bolonha, Coimbra e Rio de Janeiro. Tem recebido as mais altas condecorações portuguesas e, entre as estrangeiras, salient-se a Ordem Nacional da Legião de Honra. Foi eleito sócio honorário da Academia das Ciências de Lisboa e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. O seu primeiro livro de importância para os historiadores foi publicado em 1978: *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português* (Lisboa: Publicações Dom Quixote).

Eduardo Lourenço nunca se considerou historiador; todavia, fora do conjunto de historiadores profissionais, nenhum intelectual português da segunda metade do século XX revela uma tão estruturada e coerente visão da história de Portugal como é a sua. Ensaísta acima de tudo, o caso mais próximo do seu terá sido o de António Sérgio, na geração anterior (de quem Lourenço explicitamente se demarca - vide "Sérgio como mito cultural", em *O Labirinto da Saudade*), também ensaísta e detentor de uma perspectiva consistente sobre Portugal, tendo elaborado uma leitura da história portuguesa solidamente architectada e fundamentada. Sérgio, porém, é mais parcelar nos seus temas, que focam questões históricas específicas, e lida mais com dados empíricos. Lourenço, em contrapartida, desenha uma visão larga, de floresta, de preferência a uma análise minuciosa de árvores. Ele integra na sua visão da história a totalidade da vida de um povo na sua dimensão cultural. Baseado nos pressupostos de uma filosofia da história, faz filosofia da cultura portuguesa, ou o que poderíamos talvez classificar como uma fenomenologia da cultura portuguesa



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

através dos tempos (tendo em conta a tradição filosófica em que se formou), agarrando os momentos mais significativos dela nos domínios da política e das manifestações sociais sobretudo relevantes, interessando-se em particular pelas tendências comportamentais que indiciam ou reflectem os valores, os mitos, as aspirações mais profundas da colectividade nacional. Por outras palavras, Lourenço investe em regra em traços de estruturas de fundo que devem ser entendidas à luz de uma reflexão filosófica, expressa nos seus escritos mais teóricos, incluindo aqueles onde se debruça sobre literatura. Esta, entende-a como uma das elevadas criações de uma comunidade por, na sua vertente literária, uma comunidade reflectir muito do seu mais profundo modo de estar. Para Lourenço, as culturas – e a portuguesa em especial – projectam-se nos seus imaginários literários (é nesse sentido que parece dever interpretar-se o título de uma entrevista publicada em forma de livro: *A História é a Suprema Ficção*). A literatura (e não apenas a ficção, mas a poesia também) constitui, portanto, um lugar privilegiado para a captação dos momentos culturalmente reveladores de uma identidade.

Parece ser de facto essa a tarefa que Lourenço leva a cabo no seu clássico *O Labirinto da Saudade* quando, após o 25 de Abril, os portugueses se interrogavam com insistência sobre quem eram como povo e que futuro queriam para si. Essa colectânea de ensaios, previamente publicados de modo disperso em publicações diversas, fez eco entre o público português (pelo menos o público leitor de livros, jornais e revistas), que em grande parte se reviu no retrato esboçado por Lourenço. Acrescente-se que, muito embora o ensaísta se empenhe em captar, algo intuitivamente, o inconsciente colectivo português, o termo ‘psicanálise’ incluído em subtítulo parece deslocado, na medida em que as reflexões de Lourenço pouco devem a Freud, antes se filiam sobretudo em leituras atentas e acutilantes dos autores da “geração de setenta”, em especial Eça e Antero, e, em matéria de história, em especial Oliveira Martins. (“Vieira e Oliveira Martins, cada um à sua maneira e às vezes na mesma, são os psicanalistas da pátria” (*Situação Africana e Consciência Nacional*, p. 22).

Como outro exemplo da preferência de Lourenço pela elaboração de traços estruturantes, sirva uma afirmação em entrevista recente. Segundo ele, do ponto de vista cultural e político, a visão do mundo predominante na França foi adoptada pela nossa elite, mas não pelo conjunto da sociedade portuguesa (*Ler*, nº 138, Verão 2015, p. 33). Esse tema desenvolveu-o, aliás, no ensaio “Portugal-França ou a comunicação assimétrica”, incluído no volume *Nós e a Europa, ou as duas razões*, uma colectânea que ajuda a configurar o retrato colectivo português e ibérico (de novo próximo de Oliveira Martins) face à Europa (França, sobretudo). Note-se, a propósito, que em escritos mais recentes Lourenço tem estabelecido outras comparações, desta feita com o mundo anglo-americano.

A distinção atrás estabelecida entre a elite e as massas é importante para o ensaísta, na medida em que ele reconhece dois níveis distintos de portugueses: a elite educada, que seguiu e procurou imitar a França em especial a partir do século XIX, e a população em geral que permaneceu arraigada a vivências com raízes



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

ancestrais (captadas, por exemplo, por autores tão diversos, como Oliveira Martins em textos históricos, e Teixeira de Pascoaes na poesia), e que resistiram a qualquer assimilação para além de superficiais modernizações externas, algumas das quais meramente epidérmicas.

Um exemplo prototípico de ensaio em que Lourenço melhor revela as suas coordenadas teóricas de fundo em material de história pode ser “Portugal como Cultura”, inserido no volume *A Nau de Ícaro, seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Esse ensaio abre com a afirmação que resume e corrobora o atrás dito: “O silencioso ou silenciado daquilo a que hoje chamamos ‘cultura portuguesa’, por ser expressão vital e simbólica do povo português, é o magma obscuro de heranças e ritos milenários onde, sem termos consciência disso, enraízam as manifestações visíveis e claras dessa cultura” (p. 37). Importa continuar a citação porque é elucidativa: “Mitificado como ibero, celta, ou matizado por acidentais colorações fenícias, gregas, antes que Roma lhe imponha a marca das suas instituições e a decisiva da sua língua, só esse fundo silencioso explica que na ponta extrema da Península Ibérica e aquém da manta de retalhos que todas as culturas são, a cultura portuguesa tenha adquirido e conservado uma figura própria entre as suas congéneres celtas, latinas e mediterrânicas” (p. 37). Mais adiante, Lourenço prossegue: “Da nossa mitologia cultural – mas igualmente da opinião daqueles que a estudaram – faz parte a ideia de que a pulsão central, e mesmo obsessiva, da cultura portuguesa é a sua vocação lírica. [...] [O] que se quer significar com aquela insistência na vocação lírica da cultura portuguesa é a sua hegemonia histórica, não só sobre as outras formas da nossa poesia, como a impregnação de todas as outras expressões e maneiras de ser da sensibilidade portuguesa por essa voz, a mais próxima do que o homem é como sujeito extasiado diante da beleza do mundo ou nostálgico dela” (p. 38). Depois de uma excursão sintética sobre figuras expoente da literatura, salientando o filão lírico do “país das lágrimas”, acrescenta: “É natural pensar que este sentimento doloroso da existência, impregnado de doçura e de resignação, que parece caracterizar a cultura portuguesa, se deva à influência e à omnipresença do cristianismo. Negar essa influência, ou antes, essa quase consubstanciação da nossa cultura com o cristianismo dentro do qual evoluiu e se definiu, seria absurdo. Se há país na Europa, tirando talvez a Polónia, onde a Igreja exerceu o seu magistério intelectual, espiritual, pastoral, e mesmo temporal, em toda a plenitude, é bem Portugal” (pp. 39-40). As afirmações-traves do pensamento de Lourenço sobre a história portuguesa ficam ainda mais claras poucas linhas à frente: “De um certo modo, que talvez fosse até mais clarividente do que o de uma perspectiva profana, de ordem historicista ou sociológica, a cultura portuguesa podia ser descrita no seu funcionamento simbólico como um conflito latente ou activo entre as exigências profanas, características de uma sociedade anterior ao cristianismo, e as exigências de um modelo de comportamento religioso, ético e espiritual que, em princípio, subdetermina todos os actos da existência” (p. 40). Segue-se, pouco adiante, esta afirmação lapidar: “Não foi a famigerada Inquisição a Cortina de fogo que salvaguardou o quadro e as referências da visão católica que condicionaram a cultura portuguesa até ao século XIX, foi a espontânea defesa da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

ortodoxia que tornou possível a Inquisição” (p. 41). Ainda como ilustração dos pressupostos teóricos que enformam a mundividência de Lourenço, registre-se mais esta declaração quase a terminar o mesmo ensaio: “a vida profunda de uma cultura não se move pelas leis que alteram o estatuto político e mesmo económico e social de uma sociedade” (p. 42).

Deve, por outro lado, ser lembrado que parte significativa dos artigos e ensaios de Eduardo Lourenço abordam a questão do império colonial. Veja-se, por exemplo, o volume *Situação Africana e Consciência Nacional* (1976) e *Do Brasil. Fascínio e Miragem* (2015). Registe-se, também, que um número considerável destes textos é fortemente crítico do império: a escravatura “foi, provavelmente, o maior pecado da nossa história” (*Ler*, p. 32). Outra passagem reveladora e digna de ser relevada será esta, retirada de *O Fascismo Nunca Existiu*: “É verdade que, Cortezes e Pizarros modestos, os nossos desbravadores do império acabaram por se talhar nos sertões de África autênticas pátrias deles que pareciam prolongar o reino ou a república de onde partiam. Não é menos verdade que, reino ou república, de vez em quando, com atrasados espasmos recuperadores, chancelavam essa existência que controlavam de longe o bastante para lhe sugarem os frutos” (p. 99).

A visão histórica de Lourenço é expressa sempre num registo valorativo, por oposição a uma narrativa analítica, distante, empírica e neutral; ela é consistentemente crítica, contrapondo a mundividência do pensador às realidades históricas com as quais se confronta, nunca se coibindo de emitir juízos de valor, deixando claro que o move uma profunda paixão por Portugal, exacerbada pelo facto de o ter observado, estudado e vivido à distância; de ter tido de explicá-lo a estrangeiros, de ter tido a saudade dos ausentes do que ele sempre considerou a sua pátria, que sente como sua. Em resumo, uma visão complexa da história portuguesa, avessa a qualquer simplificação (incluindo esta minha tentativa de síntese) e dispersa numa miríade de escritos ainda longe de serem integralmente coligidos em volume, mas que nem por isso deixam de reflectir uma das mais coerentes interpretações de Portugal, animada por aquilo que Max Weber definiu como *Verstehen*: uma compreensão sentida por dentro.

Bibliografia activa: “Uma parte da Humanidade já encara a morte como o fim de tudo”, entrevista de Paulo Moura, *Ler. Livros & Leitores*, nº 138, Lisboa, Verão, 2015, pp. 30-41; *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva, 1999; *Do Brasil. Fascínio e Miragem*. Lisboa: Gradiva, 2015; *Eduardo Lourenço: A História É a Suprema Ficção*. Entrevista conduzida por José Jorge Letria. Lisboa: Guerra e Paz, 2014; *Em Diálogo com Eduardo Lourenço*. Entrevista conduzida por Ana Nascimento Piedade, Lisboa, Gradiva, 2015; Lourenço, Eduardo, 1976. *Situação Africana e Consciência Nacional*, Lisboa, Dom Quixote, 1976; *Nós e a Europa ou as duas razões*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988; *O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Dom Quixote, 1978.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia passiva: “Eduardo Lourenço 85 anos”. *Colóquio-Letras*. Número Especial. Nº 170 (Jan.-Abril 2009); “Ler Eduardo Lourenço”, blogue do Projecto *Edição das Obras Completas de Eduardo Lourenço*: eduardolourenco.blogspot.pt; “Sobre Eduardo Lourenço”. *Prelo*. Número Especial. (Maio, 1984); Besse, Graciette, org. *Eduardo Lourenço et La Passion Humaine*, Paris: Éditions Convivium Lusophone, 2013; Real, Miguel. *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa*, Lisboa, Quidnovi, 2008; *Tempos de Eduardo Lourenço. Fotobiografia*. Org. Maria Manuela Cruzeiro e Maria Manuel Baptista. Porto, Companhia das Letras, 2003;

Onésimo Teotónio Almeida



APOIOS:

